

Especialista em Ecoeficiência cita Benjamim Franklin em workshop e diz o que as empresas devem fazer para evitar acidentes ambientais

‘BEM FEITO É MELHOR QUE BEM EXPLICADO’

Antonio Carlos Teixeira

No workshop “Consciência e Meio Ambiente – A Gestão Ambiental pela Visão das Empresas”, o consultor e especialista em Ecoeficiência, José Henrique R. Cortez, foi taxativo. “A maioria das empresas, assim como as pessoas, deixa de prever que algo possa dar errado”. Segundo ele, 90% dos acidentes ambientais são resultados de falhas humanas, quer seja no projeto, na instalação, na operação ou na manutenção. E o ser humano, avaliou Cortez, é o mais caro fator de gerenciamento de riscos ambientais. “Estar preparado para o pior pode significar aumento de custos, mas melhora a imagem da empresa. E lembrando Benjamim Franklin, ‘Bem feito é melhor que bem explicado’”, assegurou ele no evento realizado pela Câmara de Cultura no dia 27 de novembro, na Casa do Comércio Deraldo Motta, em Salvador, que contou ainda com representantes da Petrobras, da Eletronuclear, da INB, da FIEB, do Correio da Bahia, além de ambientalistas e consultores. O coordenador do Programa de Excelência em Gestão Ambiental e Segurança Operacional, Luiz Fernando Mendonça Frutuoso, anunciou que a empresa vai investir R\$ 1,8 bilhão até 2003 em equipamentos e novas tecnologias e que irá criar nove Centros de Defesa Ambiental em todo o País até o final desse ano.

Ao comentar a atuação das empresas, Cortez assinalou que o causador do acidente deve assumir a responsabilidade pelos danos causados ao meio ambiente e demonstrar “comprometimento, transparência e capacidade de ação”. Segundo ele, quando “algo dá errado”, é necessário que a empresa esteja preparada para reagir imediatamente, ser transparente, assumir a responsabilidade, pedir desculpas à sociedade e apresentar resultados.

Na palestra “Gestão Ambiental e Ecoeficiência”, Cortez apontou que as empresas que têm foco voltado para o meio ambiente, possuem “obsessão em gerenciar os riscos ambientais, reconhecendo os pontos vulneráveis do processo e reagindo com eficácia às crises”. Além disso, comunicam estratégias, desenvolvem e mantêm sistemas de informação e monitoramento, contratam e motivam funcionários ambientalmente conscientes. “O compromisso ambiental não pode ser, apenas, uma decisão da direção da empresa ou indústria, imposta através dos sistemas operacionais. Deve ser uma atitude de cultura consolidada em toda a organização”, orientou.

É neste ponto que o consultor e vice-presidente da Câmara de Cultura ressaltou a importância da Ecoeficiência, filosofia de gestão que visa “produzir mais com menos”, reduzindo poluição, resíduos, lixos, usando apenas a energia necessária, diminuindo os impactos ambientais e modificando os processos de produção com a utilização adequada de recursos. “A Ecoeficiência é uma atitude que tem ser válida para todos numa organização, desde o porteiro até o presidente”, frisou. Segundo ele, não adianta a empresa ter um discurso ecoeficiente se produzir um relatório de atividades com aplicação de verniz, substância tóxica que inviabiliza a reciclagem do papel utilizado no documento.

Além disso, lembrou Cortez, a empresa deve ter consciência de que gestão ambiental é parte da sua responsabilidade social. “Uma empresa responsável ambientalmente tem que ter consciência integral do ciclo de vida de um produto: desde sua criação, passando pelo planejamento, produção, distribuição, consumo, até o seu descarte. Isso é Ecoeficiência”, atentou.

O Coordenador do Programa de Excelência em Gestão Ambiental e Segurança Operacional da Petrobras, Luiz Fernando Mendonça Frutuoso, ressaltou que a verba de R\$ 1,8 bilhão será utilizada para investimentos em supervisão automatizada de dutos de óleo, tratamento de efluentes, redução de resíduos e planos de contingência, além de pesquisas tecnológicas. Ele ressaltou que após o vazamento de 1,3 milhão de litros de óleo na Baía de Guanabara, no Rio, em janeiro desse ano, a Petrobras passou a encarar a gestão ambiental como algo integrado à saúde e à segurança. “O acidente trouxe reflexos para todos nós na empresa”, reconheceu. E uma das principais ações, segundo Fonseca, foi a criação do Pegaso – Programa de Excelência em Gestão Ambiental e Segurança Operacional.

Já o vazamento de óleo em Araucária levou a Petrobras a aprovar um projeto para criação de nove Centros de Defesa Ambiental no Brasil. O primeiro foi criado em setembro no município de Duque de Caxias, no Rio. Os outros centros serão criados em Manaus, São Luís do Maranhão, Natal, Macaé (RJ), São Sebastião (SP), Itajaí (PR) e um no Centro-Oeste. O CDA em Madre de Deus foi inaugurado no dia 27 de novembro.

A Petrobras também pretende criar um fórum de discussão sobre planos de contingência, instituir um plano de comunicação que inclui a criação de um “telefone vermelho” e visitas de diretores às unidades operacionais da empresa (UO’s), adquirir uma embarcação para inspeção de dutos na Baía de Guanabara; criar um sistema de monitoramento remoto de vazamento de óleo; e implantar uma Sala de Gestão Ambiental na sede da empresa, no Rio.

Dentro da estatal, Mendonça ressaltou que o plano de contingência e o monitoramento dos dutos da unidade de Araucária, além de outros processos, têm

sido acompanhados mensalmente pela presidência, diretoria e conselho de administração da Petrobras.

A questão ambiental praticada segundo uma visão holística. Assim definiu Iukio Ogawa a atuação de sua empresa, a Eletronuclear. O gerente de Gestão Ambiental da estatal de energia nuclear disse que a empresa está investindo R\$ 5 milhões este ano em educação ambiental, principalmente nas áreas próximas às usinas nucleares Angra I e II.

A Eletronuclear tem feito convênios com as prefeituras de Angra dos Reis e de Parati (no sul Fluminense), com o Governo do Rio, colégios, ONG's e universidades do Estado, buscando a melhoria da qualidade de vida da população. "E a educação ambiental é um dos meios que nós temos utilizado para atingir este objetivo", ressaltou Ogawa.

Dentre as ações que fazem parte da política de responsabilidade social corporativa da Eletronuclear, destacam-se a criação do Centro de Estudos Ambientais de Angra dos Reis; o Projeto Cinturão Verde de Angra dos Reis, para recuperação ambiental de áreas que estiverem sendo ocupadas fora da zona urbana delimitada; e o Programa de Apoio à Qualidade de Vida Indígena, de ajuda a grupos guaranis em Bracuí (em Angra dos Reis, com 400 indivíduos) e da aldeia Araponga (em Parati, com 120 índios).

A estatal também mantém um hospital em Praia Brava com 37 leitos, 3 centros cirúrgicos e mais 150 profissionais, sendo 70 médicos, além de ajudar a rede de saúde pública local com compra de equipamentos. Ogawa também ressaltou que a Eletronuclear fez convênios com prefeitura de Parati para projeção e valorização da pesca artesanal de forma sustentada. "Estamos fazendo parceria com o Ibama para desenvolver estações ecológicas na região", ressaltou.

O objetivo da Eletronuclear, segundo Iukio Ogawa, é atingir não apenas os alunos das duas escolas nas quais a empresa mantém convênios na região, mas toda a população local. "Os estudantes têm que ser incentivados a conversar com os pais sobre educação ambiental" enfatizou.

O gerente de Gestão Ambiental da Eletronuclear disse que a coleta seletiva de lixo isolada não trará benefícios para a sociedade: "Como fazê-la se não temos recolhimento seletivo de lixo?", questionou. Segundo ele, é importante que a população seja conscientizada para reduzir a produção de lixo.

Ogawa também quer iniciar um debate com as prefeituras próximas às usinas nucleares sobre a utilização da água. "Temos que provocá-las sobre esta questão", assinalou

O consultor e ambientalista Antonio Carlos Gusmão fez questão de ressaltar a importância do Estudo de Impacto Ambiental (EIA) na implantação de um empreendimento. O objetivo deste estudo é verificar todos os níveis de impacto que serão causados na natureza de uma determinada região com a construção, por exemplo, de um aeroporto, uma central termelétrica ou um porto. “O Estudo de Impacto Ambiental é um documento de A à Z, ou seja, tem que ter avaliações múltiplas, do arquiteto ao zootecnista”, atentou.

Um exemplo de obra que causou sérios impactos ambientais foi a mudança do local do porto de Recife, frisou Gusmão. “Essas ocorrências de ataques de tubarões na praia da Boa Viagem provavelmente estão acontecendo em consequência da mudança de percurso que esses animais foram obrigados a fazer, devido a uma brutal intervenção no mar com a construção de um quebra-mar que afetou a dinâmica marinha da região”, indicou Gusmão, ex-diretor da Feema-RJ. Ele citou, ainda, a importância da auditoria ambiental, um instrumento de análise e aprimoramento de ações relativas ao gerenciamento ambiental, e também da utilização da análise de riscos.

A coleta de lixo é algo fundamental na visão de Gusmão. Citando o exemplo das pilhas e baterias usadas e de lâmpadas feitas à base de mercúrio, o ambientalista ressalta que as ONG's ligadas à conservação e defesa ambientais devem fazer campanhas de educação para que a coleta desses resíduos químicos possa ser feita separadamente antes de serem enviados aos depósitos de lixo. “Nós fomos educados a jogar o lixo na lata de lixo. Nossos filhos têm que ser educados a jogar os vidros em coletores de vidros, as latas nos recipientes próprios para esse material, o papel em locais específicos e assim por diante”, exemplificou. Segundo ele, os fabricantes de pilha têm até 2001 para criar uma tecnologia capaz de reciclar esse material. Gusmão ressaltou que o desenvolvimento da sociedade tem que levar em consideração a questão ambiental, um tema multidisciplinar. “Em todos os projetos, temos sempre que avaliar qual será o impacto causado no meio ambiente e pensar no que pode acontecer lá na frente”, assinalou.

Roberto Nogueira Franca, presidente das Indústrias Nucleares do Brasil – INB apresentou todo o ciclo de produção do combustível nuclear no Brasil, bem como todos os procedimentos de segurança operacional e ambiental adotados pela empresa. Franca expôs que uma empresa de importância estratégica como a INB deve assumir grandes responsabilidades sócio-ambientais, razão pela qual a empresa desenvolve projetos de educação ambiental, apoio à comunidade circunvizinhas às instalações industriais, reflorestamento, recuperação ambiental, dentre outros.

O evento foi realizado pela Câmara de Cultura, com o patrocínio da PETROBRA, bem como os apoios da INB, da CHESF, do Jornal Correio da Bahia e dos Programas Qualidade Bahia e Tecnologias Limpas da Bahia, ambos da FIEB.

BOX 1 CORTEZ

SER ECOEFICIENTE É:

- Reduzir a intensidade do uso de matérias primas;
- Reduzir a intensidade do uso de energia;
- Reduzir a dispersão de poluentes;
- Intensificar o reaproveitamento e reciclagem de resíduos e subprodutos;
- Maximizar a utilização sustentada de recursos naturais renováveis;
- Aumentar a vida útil dos produtos;
- Aumentar a intensidade dos produtos e serviços.

Fonte: Câmara de Cultura

www.camaradecultura.org henrique@camaradecultura.org

BOX 2 CORTEZ

O QUE FAZER QUANDO A EMPRESA PROVOCAR UM ACIDENTE AMBIENTAL?

- Esteja preparado;
- Reaja imediatamente;
- Seja transparente;
- Peça desculpas;
- Assuma a responsabilidade;
- Seja justo na recuperação e na compensação;
- Supere as expectativas;
- Faça o acompanhamento;
- Apresente resultados.

Fonte: Câmara de Cultura

www.camaradecultura.org henrique@camaradecultura.org

BOX PETROBRAS

AS METAS DA PETROBRAS ATÉ 2003 NA ÁREA AMBIENTAL

2000

- Certificação ISO 14000 e BS-8800 em 86% das unidades no Brasil;
- Revisão de 100% dos planos de contingência;

2001

- Certificação ISO 14000 e BS-8800 em 100% das unidades nacionais;
- Licenciamento de operação ou acordos específicos para 100% das unidades;

2002

- Abatimento de 80% de resíduos;
- Supervisão automatizada de 100% dos dutos;

2003

- Aplicação de novas tecnologias;
- Ações de melhoria contínua.

Fonte: Petrobras

BOX ANTONIO CARLOS GUSMÃO

QUANDO O LIXO VIRA LUXO

Com simplicidade, eficiência e praticidade, a ONG Casa da Paz, em Vigário Geral, no Rio, tem conseguido aliar a redução do impacto causada por resíduos ambientais com soluções criativas para o uso da comunidade. Ao fazerem a coleta de embalagens tipo Pet (material plástico usado principalmente na comercialização de refrigerantes), os moradores entregam o material à ONG que “fabrica poltrona, utilizando esses recipientes como base. De cada 150 garrafas levadas para a Casa da Paz, os moradores ganham um móvel de Pet”.

“Essa solução ambiental, além de já ter retirado mais de 150 mil embalagens Pet do lixo, ajuda na educação e na aprendizagem profissional dos moradores do local. É a solução do problema? Não! Mas é a mais criativa”, atestou o ambientalista e ex-diretor da Feema-RJ, Antonio Carlos Gusmão.

Outra solução ambiental encontrada para o reaproveitamento do Pet, foi a utilização desse material para a fabricação de tecidos, numa mistura com fibra de algodão.

“Essas são as opções encontradas pela comunidade que está tirando o luxo do lixo. Cabe agora às empresas e às indústrias criá-las também”, estimulou Gusmão.

www.meioambiente.br.st cajinho@ax.apc.org